

Novas e antigas formas de representar a mulher negra nas telenovelas: uma análise da personagem Raquel, de *O outro lado do paraíso*

RESUMO

Sandra Rita de Cássia Roza
E-mail: sandraroza72@gmail.com
Universidade Federal de Ouro Preto,
Mariana, Minas Gerais, Brasil

Este artigo visa problematizar como as representações de mulheres negras em telenovelas continua a mesma, aquelas que servem. Tendo como objeto de pesquisa a personagem Raquel, da telenovela *O outro Lado do Paraíso* (Rede Globo) foi possível perceber que embora a personagem se torne juíza, ela no início da produção é representada como empregada doméstica que se apaixona pelo filho dos patrões, uma forma da telenovela romantizar a relação de uma empregada doméstica. Além disso, a Raquel é vítima de racismo pelos patrões e demais personagens, porém, já juíza, ela não denuncia nenhum deles e no último capítulo ainda perdoa a sua patroa por todo racismo que Raquel foi vítima. Dessa forma, o racismo foi abordado apenas como uma ofensa desculpável e não como um crime, o que é muito problemático no Brasil, um país onde o racismo é frequente.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Representação. Representatividade. Telenovelas. Feminismo negro.

INTRODUÇÃO

A presença de mulheres negras em telenovelas nacionais é baixa. Na maioria das vezes, as mulheres negras são personagens temporárias, figurantes, coadjuvantes ou amigas de uma protagonista branca. Sendo que, muitas vezes, elas são representadas de forma estereotipada, por exemplo, na posição de serviçal, principalmente como empregada doméstica ou faxineira, que é muito comum na história do audiovisual no país. Isso, infelizmente, reflete o passado escravocrata do Brasil que, após a abolição da escravidão, não desenvolveu políticas para a inserção das pessoas negras no mercado de trabalho e na sociedade. Sendo destinados a muitas, os trabalhos serviçais. Entretanto, pessoas negras têm ocupado outras áreas de trabalho além da de serviços domésticos na sociedade. Dessa forma,

A representação dos atores negros tem sofrido uma lenta mudança desde a década de 60, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de total subalternidade. Naquela década, a mulher negra era representada regularmente como escrava e empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte-americanos, como as *mammies*. (ARAÚJO, 2008, p. 980)

Mas ainda as produções audiovisuais continuam a representar, principalmente a mulher negra como empregada doméstica, e por que isso ainda persiste?

METODOLOGIA

Com o objetivo de questionar e problematizar as representações de mulheres negras em telenovelas, que muitas vezes são representadas como serviçais, optou-se por analisar a personagem Raquel (interpretada pela atriz Erika Januza), da telenovela *O outro Lado do Paraíso* (Rede Globo), exibida entre 2017 e 2018. Essa escolha se deu devido a produção ser recente e, mesmo assim, insistir na representação da mulher negra como empregada doméstica. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre essa temática na internet a fim de encontrar referenciais que contribuíssem para o desenvolvimento do artigo. Em seguida, foram escolhidos textos e autores que poderiam contribuir com o desenvolvimento desse estudo. Depois, deu-se o início da escrita relacionando o objeto com o contexto de representações de mulheres negras na história do cinema e da televisão e com os textos de referências.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Um olhar interseccional para as relações sociais e telenovelas

O discurso de “que somos todos iguais” é frequentemente usado por diversas pessoas em situações distintas. Entretanto, dependendo do contexto e da forma como esse discurso é empregado, ele pode ocasionar em opressões, silenciamento e apagamento das diferenças interpessoais, por exemplo. Segundo Angela Davis (2013), no início dos movimentos feministas europeu e norte-americano, por volta

dos séculos XIV e XVII, somente mulheres brancas e ricas participavam e pautavam, muitas vezes, a independência dos seus maridos e o direito ao voto. Davis ainda pontua que muitas dessas feministas chegavam a comparar o casamento com a escravidão de pessoas negras. Enquanto isso, as mulheres negras escravizadas ou livres não podiam participar e nem eram consideradas mulheres. Isso motivou para que elas desenvolvessem o seu próprio feminismo, o feminismo negro, com o objetivo de pautarem, primeiramente, o racismo e o machismo. Com isso, elas já começavam a apresentar que mulheres negras sofriam opressões de gênero, classe e raça, e que o discurso de “que somos todos iguais” não funciona para todas as mulheres.

Em 1989, a feminista negra Kimberlé Crenshaw denominou essas opressões de Teoria da Interseccionalidade, de modo a evidenciar as opressões que as mulheres negras podem sofrer. Conforme Crenshaw (2002), a Teoria da Interseccionalidade funciona como um trânsito: nele, há uma mulher negra no meio. Diversas ruas, cheias de carros, se encontram e atravessam essa mulher. Ela pode sofrer o impacto de forma diferente, uma vez que uma rua pode conter poucos ou muitos carros. Por exemplo, uma mulher branca e rica pode sofrer impactos da rua de gênero, enquanto uma mulher negra e pobre irá sofrer o impacto da rua de gênero, classe e raça, ao mesmo tempo. Além disso, se ambas mulheres forem pobres ainda assim haverá diferenças entre elas, uma vez que o racismo fará com que a mulher negra tenha menos oportunidades de emprego do que a mulher branca. Dessa forma, não se pode falar que as relações sociais, que envolvem mulheres negras e brancas, são igualitárias. Assim, não se pode também considerar apenas um feminismo que se preocupe com a questão de gênero, do machismo, principalmente devido não ser só ele quem oprime as mulheres negras.

Com base na Teoria da Interseccionalidade, olhar para as relações sociais envolve compreender que cada pessoa passa por opressões que diferenciam as chances de oportunidades para ela, como no mercado de trabalho. Além do mais, são essas opressões que vão definir o número de atores negros em telenovelas, por exemplo. Segundo Solange Couceiro (2000/2001), muitos autores de novelas nacionais usam a argumento de que “não há bons atores negros” como resposta à ausência deles nas produções. Aqui, fica evidente o racismo e também um dos porquês de personagens negras serem raras em telenovelas. Nesse sentido, não se pode falar que uma atriz negra terá as mesmas oportunidades que uma branca para atuar em uma telenovela. E caso a atriz negra seja escolhida, a narrativa pode não ocorrer como ocorreria com uma atriz branca. Principalmente devido uma atriz negra ser escolhida, na maioria das vezes, para papéis subalternos. Enquanto é comum ver atrizes brancas em papéis de posição de poder.

Por que insistem em representar mulheres negras como empregadas domésticas?

Com a abolição da escravidão em 13 de maio de 1888, muitos ex-escravos se viram livres, porém sem emprego, casa, alimentação, escola e oportunidades. A Lei Áurea não trouxe perspectivas para eles após a escravidão. Sendo assim, muitos tiveram que continuar trabalhando para os seus antigos donos em troca de alimento em funções servisais, por exemplo. Passados 131 anos, ainda são nessas posições que pessoas negras estão em maior número no mercado de trabalho.

Mesmo que uma pessoa negra tenha oportunidades de fazer um curso em outra área, ainda assim, ela pode encontrar dificuldades para encontrar um emprego devido o racismo, e ter que continuar trabalhando em uma função subalterna. Como afirma a rapper e historiadora Preta-Rara em sua música *Filha de Dandara*: “Conquistas virtuosas, mas nem sempre respeitadas. Me negam a cadeira, mas me entregam a enxada.” Vale destacar também que devido ao racismo, muitas vezes, uma mulher negra é vista como faxineira ou empregada doméstica.

Em 2017, a historiadora Luana Tolentino relatou em sua conta no *Facebook* que uma senhora a parou na rua e a questionou se ela fazia faxina: “Hoje uma senhora me parou na rua e perguntou se eu fazia faxina. Altiva e segura respondi: - Não faço mestrado. Sou professora.” (VIANA, 2017). O relato de Luana expõe como nós, mulheres negras, sempre somos vistas como alguém que está nos locais para servir e limpar, que não tem condições financeiras para estar naquele local ou que não temos capacidades intelectuais para seguir outras profissões. Após ouvir o que Luana disse, a mulher ficou sem resposta: “Da boca dela não ouvi mais nenhuma palavra. Acho que a incredulidade e o constrangimento impediram que ela dissesse qualquer coisa.” (VIANA, 2017)

Se na sociedade já nos veem como “mulheres da limpeza”, na mídia essa ideia fica ainda mais evidente com a frequência em que personagens negras estão nas produções audiovisuais somente para arrumar a casa de uma personagem rica. Segundo Sandra Roza (2019, online),

há uma estrutura racista na sociedade, que também está presente na mídia. Essa estrutura dita os locais de pessoas negras e brancas no meio social. As primeiras seriam as que devem servir (ideia racista que vem desde a escravidão) e as segundas seriam as que são servidas. Ao longo dos anos, essa estrutura vem mudando, principalmente em razão das ações dos movimentos negros no país, que contribuem para que pessoas negras tenham mais oportunidades de trabalho e estudos para que, assim, possam ocupar outras áreas de atuação além da de serviços. Porém, ainda, é importante ressaltar que embora essa estrutura esteja sendo abalada, a lógica social brasileira funciona com ideal de que pessoas negras devem servir e as brancas devem ser servidas. E isso reflete na maioria das vagas que são destinadas às pessoas negras no país, onde elas são a maioria que trabalha servindo e limpando.

Para Stephanie Ribeiro (2017) não haveria problema com a representação de mulheres negras como faxineiras, empregadas domésticas, babás, “caso ela não fosse a única que as emissoras de TV fazem de nós.”

Em 2019, “A cor do pecado”, telenovela da Rede Globo, completou 15 anos. Nela houve a primeira protagonista negra, a Preta (interpretada por Taís Araújo). Para Nilson Xavier (2019), “É incrível que, depois de 15 anos da primeira protagonista negra na Globo, o assunto tenha estacionado, já que, de lá para cá, pouquíssimas novelas centraram suas tramas principais em personagens negros.” Se não houve protagonistas negros, houve personagens negras como figurantes, personagens coadjuvantes e em funções de serviçais. Dessa forma, Couceiro (2000/2001, p. 98), expõe que:

A telenovela é, pois, narrativa que veicula representações da sociedade brasileira, nela são atualizadas crenças e valores que constituem o imaginário dessa sociedade. Ao persistir retratando o negro como subalterno, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um

aspecto da realidade da situação social da população negra mas também revela um imaginário, um universo simbólico que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade.”

O Outro lado do paraíso

Entre outubro de 2017 a maio de 2018, a Rede Globo exibiu a novela *O outro lado do paraíso*, escrita por Walcyr Carrasco e dirigida por Mauro Mendonça Filho, às 21h. Na trama, há a personagem Raquel, uma mulher negra, que sai de um quilombo onde mora, no Jalapão – Tocantins, e se muda para Palmas, em busca de oportunidades. Na cidade, Raquel começa a trabalhar de empregada doméstica na casa de Bruno (Interpretado por Caio Paduan), um local onde ela é vítima de racismo por parte dos patrões e é demitida por ela e o Bruno se apaixonarem. Depois de 10 anos, a Raquel reaparece na novela como uma juíza rica, porém ela continua sendo alvo do racismo, principalmente por parte da mãe do Bruno, Nádia (interpretada por Eliane Giardini), que tenta de tudo para que o casal não fique junto. No fim da trama, a Nádia pede desculpas à Raquel devido ter sido racista com ela, e Bruno e Raquel se casam.

A personagem Raquel representa uma mulher negra de pele retinta, jovem, magra, sexualizada, de cabelos crespos e que vive em um quilombo. A sua melhor amiga é a Clara (interpretada por Bianca Bin), a protagonista da telenovela. Após se passar 10 anos na narrativa, Raquel reaparece como juíza, como forma de que a personagem se vingue das pessoas que forma racistas com ela. Entretanto, mesmo estando na posição de juíza, a personagem continua sendo vítima de racismo e desrespeitada tanto no seu local de trabalho quanto socialmente. Além disso, Raquel aparece, na maioria das vezes, com o seu cabelo preso e um penteado de coque, o que enfatiza a estrutura racista brasileira em que uma mulher negra não pode usar o seu cabelo crespo em determinados empregos por exigências dos contratantes. Muitas vezes, estes obrigam as mulheres que possuem cabelos crespos a alisarem ou prenderem os seus cabelos, a fim de que sejam contratadas, por exemplo.

Análise

Ao mesmo tempo que *O outro lado do paraíso* tenta representar a mulher negra em uma outra posição social, como juíza, o que é um marco muito importante para a representatividade negra no audiovisual, a novela retrocede, em 5 pontos principais que estão presentes na história das telenovelas nacionais na representação de mulheres negras:

1. Raquel como empregada doméstica:

Embora Raquel se torne uma juíza, o autor quis que a personagem fosse empregada doméstica no início. Isso reforça que o papel da mulher negra na sociedade é o de serviçal, sendo que “A insistente representação do negro em papéis subalternos e serviçais reforça a idéia (sic) de sua inferioridade intelectual, desvinculando - o das posições de poder dentro da sociedade brasileira.” (FERNANDES, 2009, p. 50). No caso da personagem Raquel, que é apresentada como empregada doméstica que depois se esforçará nos estudos, e se tornará uma juíza sucedida, é um exemplo da meritocracia. Porém, a história de Raquel é uma

exceção tendo em vista que muitas mulheres negras trabalham ou vão trabalhar em serviços domésticos, e também serão vítimas de racismo, em seus locais de trabalho e na sociedade, e podem não conseguir se ascender socialmente. Principalmente devido o racismo ser um crime presente em várias estruturas sociais que vão desde a contratação das mulheres negras às medidas governamentais de assistências a crianças negras, em vulnerabilidade social, por exemplo.

Segundo Danubia Andrade Fernandes (2009, p. 102),

As alternativas de ascensão social das personagens pobres servem para a constituição do happy end. A efervescência de felicidade prevista para o último capítulo da trama contemplará não só a vida amorosa das personagens, unindo os casais e indicando novos parceiros para aquelas solitárias; mas também apontando a realização plena na vida financeira, por meio de prêmios em loterias, sucesso nas carreiras, aprovações, contratações e assim por diante.

2. Raquel como melhor amiga de uma mulher branca protagonista, a Clara.

Na história das telenovelas nacionais são raros os casos em que mulheres negras foram protagonistas. Alguns deles são os papéis das personagens Tia Cloé (interpretada por Ruth de Souza), em *Casa do pai Tomás* (1969) e a Preta (interpretada por Taís Araújo), em *Da cor do pecado* (2004). Ademais, a presença de mulheres negras melhores amigas das protagonistas brancas são mais frequentes, por exemplo, a personagem Marilda (interpretada por Dandara Mariana) que é amiga da Ritinha (interpretada por Isis Valverde), em *A força do querer* (2017).

3. Abordagem do racismo, que a Raquel foi vítima, apenas como uma ofensa desculpável ao invés de abordá-lo como um crime.

No decorrer da telenovela, Raquel é vítima de racismo, sendo que em algumas vezes ela ameaça o (a) autor (a) do crime que irá processá-lo (a), porém não o faz. No fim, a Nádia, uma das personagens que foi mais racista com a Raquel, a pede perdão e desculpas por um crime que é inafiançável. Assim, a narrativa deveria ter abordado o racismo com algum personagem sendo devidamente punido pela justiça, pois na maioria das vezes que uma pessoa é vítima de racismo e o fato repercute na mídia, pouco se fala sobre a punição ou pena que o autor do crime teve, o que pode incentivar outras pessoas a serem racistas por imaginarem que não há punição, principalmente por uma telenovela reforçar que esse crime pode ser resolvido com pedidos de perdão ou desculpas à vítima. Além disso, os discursos que uma telenovela brasileira, de horário nobre, da televisão aberta e com audiência elevada, transmite podem tanto contribuir para mudar a sociedade quanto reforçar que determinados posições de poder prevaleçam. De certa forma, o racismo para com Raquel acabou voltando a quando o tema na história das telenovelas nacionais foi abordado "(...) somente como uma das características negativas do vilão (...)" (ARAÚJO, 2008, p. 981)

4. Raquel e Bruno, um casal inter-racial.

Casais inter-raciais também foram recorrentes na história das telenovelas nacionais, como a Hanna (interpretada por Djenane Machado) e Bienaimé (interpretado por Jorge Coutinho), em *Passos do vento* (1968) e Maria Clara (interpretada por Glória Cristal) e Honório (interpretado por Marcos Plonka), em *Antônio Maria* (1968). De acordo com Joel Zito Araújo (2008, p. 908), a

representação de casais inter-raciais nas telenovelas dos períodos acima “(...) procuravam confirmar o mito da democracia racial brasileira e da convivência pacífica entre as raças”. Além de reforçarem a miscigenação que “(...) nunca deixou de ser vista como um estado de passagem das ‘raças inferiores’ para a raça superior branca.” (ARAÚJO, 2008, p. 983). No casal Raquel e Bruno essas características estão presentes também. Sendo que para esse casal é explicitado na telenovela o preconceito e a repulsa que a sociedade tem por casais inter-raciais. Já sobre a miscigenação, no casamento de Raquel e Bruno, a Nádia pede que os dois a deem muitos netos.

Além do mais, é importante pensar também que Bruno era filho dos patrões e Raquel, a empregada doméstica, e desde o período escravocrata era frequente relacionamentos amorosos assim, e os abusos, assédios e estupros, que persistem até hoje no país. Em *O outro lado do paraíso* não houve esses crimes de um patrão para com a empregada, mas será que a narrativa não quis apresentar essa relação de forma romantizada? Uma vez que, a mulher negra é vista na sociedade de maneira estereotipada, como “irresistível sexualmente”¹, “quente”, “sensual”, “fácil” etc., e podem ser abusadas por seus patrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de pessoas negras é muito importante nas telenovelas nacionais e deve ser ampliada. Entretanto, a forma em que elas são representadas, principalmente de forma estereotipada contribui para reforçar o papel do negro na sociedade como aquele que deve servir, da mulher negra como aquela “que é boa de cama”, que obedece, aceita os pedidos de desculpas de alguém que foi racista com ela, entre outros. Tendo em vista também que essas representações também influenciam a maneira como mulheres negras ou homens negros são vistos socialmente, uma vez que:

A televisão atua na formação do imaginário de quem consome seus produtos, os telespectadores. Diante disso, as representações carregadas de estereótipos, de algum modo são internalizadas pelas pessoas e isso afeta as reproduções no convívio social e vão se enraizando como verdades. (SILVA, 2016, p. 165)

Além disso, é importante pensar também que a representação de uma juíza negra em uma telenovela nacional é um marco significativo sobre as representações de pessoas negras em cargos de poder, além de contribuir também para a autoestima e inspiração para muitas mulheres negras a seguirem outras profissões. Contudo, é imprescindível destacar que a ascensão da Raquel é meritocrática. E em uma sociedade desigual, como a brasileira, nem todas Raquéis do país se tornarão juízas ou estarão em outras profissões devido às oportunidades não serem iguais para todas.

New and old ways to represent a black woman in the telenovelas: an analysis of the character Raquel, from The other side of paradise

ABSTRACT

This article aims to problematize how representations of black women in soap operas remain the same, the ones they serve. Having as a research object the character Raquel, from the telenovela The Other Side of Paradise (Rede Globo) was able to realize that although the character becomes a judge, she at the beginning of production is represented as a housekeeper who falls in love with the son of the bosses, a form of the telenovela romanticize the relationship of a domestic employee. In addition, Rachel is a victim of racism by the bosses and other characters, but, as a judge, she does not denounce any of them and in the last chapter she still forgives her boss for all the racism Raquel was a victim of. In this way, racism was only addressed as an excusable offense and not as a crime, which is very problematic in Brazil, a country where racism is frequent.

KEYWORDS: Black women. Representation. Representativity. Soap operas. Black feminism

Nuevas y antiguas formas de representar a la mujer negra en las telenovelas: un análisis del personaje de Raquel, desde El otro lado del paraíso

RESUMEN

Este artículo pretende problematizar cómo las representaciones de mujeres negras en las telenovelas siguen siendo las mismas a las que sirven. Teniendo como objeto de investigación al personaje Raquel, de la telenovela El otro lado del paraíso (Rede Globo), fue posible darse cuenta de que, aunque el personaje se convierte en juez, al principio de la producción está representada como una criada que se enamora del hijo de los jefes. La forma de la telenovela romantiza la relación de un empleado doméstico. Además, Rachel es víctima del racismo por parte de los jefes y otros personajes, pero, como juez, no denuncia a ninguno de ellos y en el último capítulo aún perdona a su jefe por todo el racismo del que fue víctima Raquel. De esta manera, el racismo solo se abordó como un delito justificable y no como un delito, lo cual es muy problemático en Brasil, un país donde el racismo es frecuente.

PALABRAS CLAVE: Mujeres negras. Representación. Representatividad. Telenovelas. Feminismo negro.

NOTAS

¹ JARDIM, Suzane. Jezebel: A Mulher Negra Insaciável – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte VIII. **Geledés**. 26. Jul. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/jezebel-mulher-negra-insaciavel-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-viii/#ixzz4FcGYwJlf>>. Acesso em: 31 Jul.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 979, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16>>. Acesso em: 29 jul. 2018

COUCEIRO, Solange. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 88-99, dez./fev. 2000-2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/32894/35464/>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/>>. Acesso em: 26 jun. 2019

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. Ano 10, 2002. **UAMEM Redalyc.org – Rede de revistas científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/381/38110111/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

DAVIS, Angela. **Raça, Gênero e Classe**. 2013. Livro eletrônico. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>>. Acesso em: 29 Jun. 2019.

FERNANDES, Danubia Andrade. **A personagem negra na telenovela brasileira: representações da negritude em “Duas caras”**. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJRJ), Faculdade de Comunicação Social, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3382>>. Acesso em: 31 jul. 2018. **Preta-Rara – Filha de Dandara “Audácia”**. 2015. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yQAmTCHHNqQ>>. Acesso em: 30 jun. 2019

RIBEIRO, Stephanie. **Até quando as negras serão domésticas na sua novela?** Marie Claire. 7 nov. 2017 Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/BlackGirlMagic/noticia/2017/11/stephanie-ribeiro-ate-quanto-negras-serao-domesticas-na-sua-novela.html>>. Acesso em: 30 jun. 2019

ROZA, Sandra Rita de Cássia. **Quem é Tiana?** Construções e representações da primeira princesa negra de animação da Disney. 2018. 127 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018. Disponível em: <<https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/1674>>. Acesso em: 29 jun. 2019

Roza, Sandra. **A mídia não me apresentou uma princesa negra.** Mas EU SOU UMA PRINCESA SIM! Medium. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@sandraroz72/a-m%C3%ADia-n%C3%A3o-me-apresentou-uma-princesa-negra-mas-eu-sou-uma-princesa-sim-c97fc386be24>>. Acesso em: 30 jun. 2019

SILVA, Samara Araújo da. “Sexo e as negas”: narrativas estereotipadas e sexista na representação das mulheres negras. **Aedós** - Revista do corpo discente do programa de pós-graduação em história da UFRGS. V. 8. N. 22. P. 151 - 166. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/69262/40560>>. Acesso em: 30 jul. 2018

VIANA, Gabriela. ‘Você faz faxina?’ Perguntou uma mulher, e a resposta foi: “Não. Faço mestrado”. **Geledés**. 22 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/voce-faz-faxina-perguntou-uma-mulher-e-resposta-foi-nao-faco-mestrado/>>. Acesso em: 30 jun. 2019

XAVIER, Nilson. Há 15 anos, Globo lançou 1ª protagonista negra em novela e quase nada mudou. **Geledés**. 27 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ha-15-anos-globo-lancou-1a-protagonista-negra-em-novela-e-quase-nada-mudou/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Recebido: 30/01/2019

Aprovado: 15/07/2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n40.9476.

Como citar: ROZA, Sandra. Novas e antigas formas de representar a mulher negra nas telenovelas: uma análise da personagem Raquel, de O outro lado do paraíso. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 189-198, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Sandra Roza. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Rua do Catete, 166, Mariana – MG.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

